

**Dados Pilotos:** Poeta e ensaísta. Brasov (România) — 1918. Chegada ao Brasil: 1949. Obras antes do Brasil: 12 volumes de poesia. Grande Prêmio Nacional de Poesia — Prêmio da Sociedade dos Jovens Escritores (ambos em 1935). Obras no Brasil: **Análise da palavra saudade** (poesia) — Buenos Aires. **Aula de Solidão** (poesia) — Ed. Jorge de Lima. Composto a mão por Luiz Santa Cruz. **Servindo à Poesia** — Ensaio — MEC. **Poesia, vida e morte de Azarias H. Pallais. 2 Guatemaltecos** — Ed. Philobiblion, por Segalá. **Tonegaru** (antologia de poetas brasileiros). **Recordações de minha primeira vida** — José Olímpio — em composição. **O Bom Pipoqueiro** — MEC — em composição. **Panorama da Poesia de Honduras** — Instituto Brasil-Honduras — em colaboração com Arino Perez.

— Existiria algum ponto de contato entre os espíritos brasileiros e romeno?

— Sim, eu acredito numa grande aproximação entre os dois espíritos. Esta aproximação me parece brotar mas principalmente da ascendência da poesia no plano criador caracterizando as duas manifestações nacionais. As artes populares igualmente possuem grandes pontos de proximidade. Aliás o poeta Max de Vasconcelos, fluminense, citado por Andrade Muricy no "Panorama do Simbolismo Brasileiro", dedicou-se a estudar as relações entre os dois povos, aprendendo a língua romena para êsse fim.

### O ESPÍRITO BRASILEIRO

— Qual foi a sua maior conquista com sua vida brasileira?

— A tolerância, que me nasceu com ela. Jamais fui um homem tolerante, mas a fraternidade humana que existe no Brasil deu-me a força de superar em algum ponto a minha natureza. E já posso sentir menos aquele espírito intolerante que eu vivia. A humanidade do brasileiro é tão grande que mitiga as expressões de egoísmo que possamos ter.

### A CONQUISTA DA EXPRESSÃO

— A língua portuguesa lhe parece boa para sua expressão?

— A língua portuguesa é propícia à expressão. Eu o senti com o encontro de escritores, desde Camões até à nossa geração de 45. No entanto, eu sei que não sou um escritor. Sou um informante de cultura. Não creio que se possa superar a perda da língua materna e criar na nova língua. É impossível. Meus poemas em português são experiências. Experiências de comunicação.

### A POESIA E A CULTURA

— Encontra universalidade na poesia brasileira?

— Sim. A maturidade de alguns poetas garantem uma universalidade à poesia brasileira. Essa universalidade está na poesia de Manuel Bandeira, de Carlos Drummond de Andrade, de Cassiano Ricardo, de Jorge de Lima. E na de um poeta tristemente esquecido, Gilka Machado.

— Acredita na existência de uma cultura brasileira?

— Sei desta existência. Ela está naqueles poetas; em romancistas como



Graciliano Ramos, Adonias Filho, Guimarães Rosa; pensadores como Gilberto Freyre. E está também nas expressões populares da gente brasileira e na maturidade afetiva do ho-

mem desta terra, na sua tolerância e humanidade.

— Como vê as correntes jovens?

— Creio que elas se caracterizam por uma instabilidade e um nervosismo que são da essência mesma da mocidade. Eu louvo êste espírito, porque somente por êle se chegará a maturidade da criação, podendo continuar as obras dos grandes que antes foram jovens assim.

### A EXPERIÊNCIA BRASILEIRA

— Se tivesse de começar, repetiria a experiência brasileira?

— Sim, e antes de tudo. Eu a chamo de minha segunda vida porque é nova e completa. Por ela encontrei um sentido sadio, verifiquei a possibilidade de toda uma manifestação de humanidade e de solidariedade, e me refresquei num espírito de tolerância que já quase não existe. É a minha segunda vida, tão saudável, que eu somente desejaria para completá-la surgisse, para os outros, fora daqui, a estabilidade humana que possuímos.

## MÁRIO MELO

Faleceu em Recife, no dia 24 de maio último, o historiador e jornalista Mario Melo, um dos expoentes do jornalismo pernambucano. Natural de Barbalho, no interior do Estado, formou-se pela Faculdade de Direito do Recife, em 1907, tendo colaborado em quase todos os jornais do seu Estado. Era um combatente pela imprensa diária, defendendo apaixonadamente o seu ponto de vista. Até os seus últimos instantes trabalhou para o "Jornal do Comércio" de Recife, deixando uma crônica terminada poucos instantes antes de sua morte. Fundador da Associação de Imprensa de Pernambuco, secretário perpétuo do Instituto Arqueológico e Geográfico de Pernambuco e da Academia Pernambucana de Letras, era sócio de quase todos os Institutos culturais do Estado. Durante sua longa vida jornalística, cerca de 60 anos, escreveu perto de cem mil artigos e deixa uma bagagem literária de 50 livros, versando vários assuntos.

Por ocasião de sua última visita ao Rio, em fevereiro último, um dos diretores de "JORNAL DE LETRAS" — Elycio Condé — teve oportunidade de ouvir pela palavra do autor, alguns capítulos de suas memórias, que são admiráveis, ocasião em que também estava presente o escritor Luiz Castro Souza. Entre outros fatos conta que após ter militado durante muitos anos no Diário de Pernambuco foi obrigado a se afastar. Encontrando-o nesse dia numa loja do Recife, o diretor do "Jornal do Comércio", seu inimigo pessoal, ofereceu-lhe seu jornal, dizendo: — O senhor tem a liberdade de dizer o que quiser, até mesmo de escrever contra mim. A partir de então Mário Melo começou a sua crônica da Cidade, finalizando com a que acabara momentos antes de sua morte.

Pernambuco perdeu o seu grande cronista, que usou da pena até o último dia de sua existência. *Jornal de Letras,*

*junho de 1959*

## Gastão Cruls

APÓS ENFERMIDADE rápida e invencível, faleceu no dia 7, tendo sido enterrado no dia seguinte, o escritor brasileiro Gastão Cruls, autor de romances como *Elza e Helena*, dos contos de *Coivara*, e de obras científicas como *Hiléia Amazônica*. Gastão Cruls desapareceu aos 71 anos, já que nascera a 4 de maio de 1888, filho de Luiz Cruls, o engenheiro belga que em 1894 apresentava às autoridades brasileiras o Relatório Cruls sobre o Planalto Central do Brasil.

Cruls não foi propriamente um escritor moderno, e sim um pré-moderno — como Monteiro Lobato e como Peregrino Júnior, por exemplo. O conto regionalista foi o seu lado forte, e obras como *Coivara* (1920), *A Amazônia Misteriosa* (1925), *Elza e Helena* (1927), *Vertigem* (1934) e *De Pai para Filho* (1954) ficarão como exemplos de prosa bem escrita e correta, se bem que nem sempre de valor igual.

Bastaria porém a Gastão Luiz Cruls o ter sido o autor de *Hiléia Amazônica* para merecer o respeito, a estima e a admiração de todos os brasileiros: esse livro, de que a terceira edição apareceu em 1958 através da José Olympio — a primeira edição, de luxo, e a segunda, esgotada, estavam mesmo a exigir nova edição —, fixa aspectos da flora, da fauna, da arqueologia e da etnografia indígenas amazônicas, não descurando o cientista do artista, nem esse daquele. É obra séria, que mereceu, de um sábio como Roquette Pinto, palavras de consagração.

Entre obras originais e traduções, registramos mais de vinte obras que levam o nome de Gastão Cruls, a saber: *Coivara*, *Ao Embalo da Rêde*, *História Puxa História e Quator* (contos); *A Amazônia Misteriosa*, *A Criação e o Criador*, *Elza e Helena*, *Vertigem* e *De Pai para Filho* (romances); *A Amazônia que eu Vi* (notas de viagem); *Hiléia Amazônica* (ensaio); *Aparência do Rio de Janeiro* (história); *Antônio Tórres e seus Amigos* (biografia); *Ciúme*, de Guzman; *A Caminho da Fôrça*, de Matthews; *Minha Vida*, de Isadora Duncan; *Nijinsky*, de Ramola Nijinsky; *Luxúria*, de Kessel, e *As Grandes Expedições Científicas do Século XX*, de Key (traduções). *Jornal de Letras, junho de 1959*